

Almeida — ARENA; Dias Menezes — MDB; Diogo Nomura — ARENA; Edgar Martins — MDB; Faria Lima — ARENA; Ferraz Egreja — ARENA; Francisco Amaral — MDB; Frederico Brandão — MDB; Freitas Nobre — MDB; Gioia Junior — ARENA; Guaçu Piteri — MDB; Herbert Levy — ARENA; Ivahir Garcia — ARENA; Pedro Carolo — ARENA; João Arruda — MDB; João Cunha — MDB; João Pedro — ARENA; Joaquim Revilacqua — MDB; Jorge Paulo — MDB; José Camargo — MDB; Lincoln Grillo — MDB; Marcelo Gato — MDB; Octacilio Almeida — MDB; Odemir Furlan — MDB; Otavio Ceccato — MDB; Pacheco Chaves — MDB; Roberto Carvalho — MDB; Salvador Julianelli — ARENA; Santilli Sobrinho — MDB; Sylvio Venturolli — ARENA; Theodoro Mendes — MDB; Ulysses Guimarães — MDB; Yasunori Kunigo — MDB.

Goias

Adhemar Santilo — MDB; Ary Valadão — ARENA; Elcival Caiado — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Genervino Fonseca — MDB; Helio Levy — ARENA; Hélio Mauro — ARENA; Iturival Nascimento — MDB; Jarmund Nasser — ARENA; José de Assis — ARENA; Juares Bernardes — MDB; Rezende Monteiro — ARENA; Siqueira Campos — ARENA.

Mato Grosso

Antonio Carlos — MDB; Benedito Canellas — ARENA; Gastão Müller — ARENA; Nunes Rocha — ARENA; Ubaldo Barém — ARENA; Vicente Vuolo — ARENA; Walter de Castro — MDB.

Paraná

Adriano Valente — ARENA; Agostinho Rodrigues — ARENA; Alencar Furtado — MDB; Alípio Carvalho — ARENA; Álvaro Dias — MDB; Antônio Annibelli — MDB; Antonio Belinati — MDB; Antônio Ueno — ARENA; Ari Kifuri — ARENA; Braga Ramos — ARENA; Cleverson Teixeira — ARENA; Expedito Zanotti — MDB; Fernando Gama — MDB; Flávio Giovini — ARENA; Gamaliel Galvão — MDB; Gomes do Amaral — MDB; Hermes Macêdo — ARENA; Igo Losso — ARENA; Italo Conti — ARENA; João Vargas — ARENA; Minoru Miyamoto — ARENA; Nelson Maculan — MDB; Norton Macêdo — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Osvaldo Buskei — MDB; Pedro Lauro — MDB; Santos Filho — ARENA; Sebastião Rodrigues Júnior — MDB; Walber Guimarães — MDB.

Santa Catarina

Abel Ávila — ARENA; Adhemar Ghisi — ARENA; Angelino Rosa — ARENA; Dib Cherem — ARENA; Ernesto de Marco — MDB; Francisco Libardoni — MDB; Henrique Córdova — ARENA; Jaison Barreto — MDB; João Linhares — ARENA; José Thomé — MDB; Luerte Vieira — MDB; Luiz Henrique — MDB; Nereu Guidi — ARENA; Pedro Colin — ARENA; Valmor de Luca — MDB; Wilmar Dallanhol — ARENA.

Rio Grande do Sul

Alberto Hoffmann — ARENA; Alceu Collares — MDB; Aldo Fagundes — MDB; Alexandre Machado — ARENA; Aluizio Paraguassu — MDB; Amaury Müller — MDB; Antônio Bresolin — MDB; Arlindo Kunzler — ARENA; Augusto Trein — ARENA; Carlos Santos — MDB; Célio Marques Fernandes — ARENA; Cid Furtado — ARENA; Eloy Lenzi — MDB; Fernando Gonçalves — ARENA; Getúlio Dias — MDB; Harry Sauer — MDB; Jairo Brum — MDB; João Gilberto — MDB; Jorge Uequed — MDB; José Mandelli — MDB; Lauro Leitão — ARENA; Lauro Rodrigues — MDB; Lidovino Fanton — MDB; Magnus Guimarães — MDB; Mário Mondino — ARENA; Nadyr Rossetti — MDB; Nelson

Marchezan — ARENA; Nunes Leal — ARENA; Odacir Klein — MDB; Rosu Flores — MDB; Vasco Amaro — ARENA.

Amapá

Antônio Pontes — MDB.

Rondônia

Jerônimo Santana — MDB;

Roraima

Hélio Campos — ARENA.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Declaro aberta a Sessão Solene do Congresso Nacional e convido sua Excelência o Senhor Ministro Djaci Falcão, Presidente do Supremo Tribunal Federal, a compor a Mesa. (Palmas.)

Sua Excelência toma assento à Mesa.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — A presente sessão destina-se a comemorar o 30º Aniversário da Vitória Aliada na II Guerra Mundial.

É executado o Hino Nacional, ouvido de pé por todos os presentes.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Ao iniciar as solenidades desta reunião comemorativa do 30º aniversário da vitória das nações aliadas na segunda Guerra Mundial, a Presidência ressalta a presença da Força Expedicionária nos campos de batalha da Europa, com a participação destacada de nossa Força Aérea e de nossa Marinha de Guerra. Nunca será demasiado exaltar a personalidade militar do Marechal Mascarenhas de Moraes (Palmas.) no comando e na liderança de nossos oficiais e pracinhas, cabendo ainda dar real destaque, entre muitos que lutaram nos campos da Itália, a dois valorosos soldados: um deles, o General Humberto de Alencar Castello Branco (Palmas.) que, em momento difícil da vida brasileira, alcançou a mais alta magistratura do País: a Presidência da República. O outro, que aqui está entre nós, para alegria nossa, S. Ex.^a o Marechal Cordeiro de Faria, (Palmas prolongadas.) herói da Força Expedicionária Brasileira, um dos Comandantes a quem a Nação e, especialmente, o Congresso Nacional, prestam sinceras homenagens por sua tradicional vocação democráticas. (Palmas.)

Nesta sessão solene comemorativa da vitória das nações aliadas, em defesa dos princípios democráticos contra a intolerância totalitária, temos a honra de contar com a presença de S. Ex.^a o General Mark Clark, (Palmas prolongadas.) Comandante do 5º Exército aliado, de cujo corpo fazia parte a Força Expedicionária Brasileira:

A S. Ex.^a General Mark Clark, a Mesa do Congresso Nacional rende especial homenagem em nome de todos os congressistas brasileiros.

Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana, que falará em nome do Senado Federal.

O SR. LUIZ VIANA (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Marechal Cordeiro de Faria, Sr. General Mark Clark, Srs. Ministros, Srs. Oficiais Gerais, ex-Comandantes, Srs. Senadores, Srs. Deputados, meus senhores, minhas senhoras:

Trinta anos! Trinta anos, Senhor Presidente, volvidos após a dura memorável, fim de uma das guerras mais brutais, entre as que têm lacerado a humanidade. Trinta anos passados sobre o dia em que se encerrou aquela sombria página da História, para que da lúgubre noite do anunciado cativo de um milênio emergisse o sol da esperança e da liberdade. Hoje, nesta festa, tudo é luz, tudo são flores a traduzirem o nosso reconhecimento, e aqui estamos reunidos como homens livres, senhores do destino de uma nação livre. Mas, para

que isso se tornasse realidade, quanta luta, quanto sofrimento, e também quanta grandeza. Foi mister que, ao longo de seis anos de incertezas e de sacrifícios, homens de todos os continentes se dispuzessem a morrer em defesa de alguns ideais mais valiosos do que a vida. E graças ao holocausto de milhões de seres, que afrontaram todos os perigos e sofrimentos, foi possível deter e abater os que se propunham a mergulhar o mundo na ignomínia da escravidão. Bem haja, Senhor Presidente, a memória daqueles cuja bravura e abnegação nos permitiu ver a aurora que eles não conheceram, a aurora que apenas iluminou os seus túmulos.

Hoje, decorridas três décadas sobre o evento memorável, orgulha-nos saber que entre os que ajudaram a redimir a humanidade contam-se os integrantes da Força Expedicionária Brasileira, melhor diria os nossos "pracinhas", cuja bravura jamais será excessivo exaltar. (Palmas.) Por certo, e como sempre ocorre, não faltavam os incrédulos, para os quais jamais combateríamos, sendo mais fácil uma cobra fumar do que os nossos soldados pisarem o solo do Velho Mundo. Eles, entretanto lá chegaram. Era, aliás, a segunda vez em que, neste século, o Brasil, fiel à vocação do seu povo, se aliava aos que não permitiriam que a liberdade desaparecesse da face da terra. Representantes das nossas três armas — Marinha, Exército e Aeronáutica — cruzaram o Atlântico em defesa dos generosos ideais que ainda uma vez uniam os partidários da paz e do respeito nas relações internacionais.

E ostentando orgulhosamente, como símbolo de determinação e de heroísmo, a cobra que fumou em terras da Europa, os nossos "pracinhas" desfaldaram a Bandeira do Brasil sob os céus da Itália, lutando ombro a ombro com soldados de outras nações, em particular ao lado do V Exército dos Estados Unidos, cujo eminente Comandante, o General Mark Clark, (Palmas.) nos honra com a sua presença nesta solenidade, acompanhando-o o General Gabriel Disosway, credor do apreço e do reconhecimento da nossa Força Aérea.

Comandante das forças aliadas desembarcadas em Salerno, cuberia a ele, após árdua jornada através da Itália, redimir a primeira capital europeia sob o jugo nazista, a eterna Roma. Esse o libertador que hoje saudamos agradecidos, e emocionados por haver Deus o conservado para, juntos, celebrarmos este grande dia da Liberdade.

Saudamo-lo como se nos dirigíssemos a um velho amigo, tantos os laços que o vinculam ao Brasil, de cuja admiração e reconhecimento são testemunhas as condecorações com que o agraciou em várias oportunidades. Coube, aliás, a este mesmo Congresso a rara iniciativa de conceder-lhe o título de General Honorário do Exército Brasileiro, cuja espada recebeu das mãos do então Ministro da Guerra, General Zenóbio da Costa. Saudando-o, portanto, não fazemos mais do que reiterar antigos sentimentos há muito consagrados pelos representantes do povo brasileiro.

Em 25 de agosto de 1944, dia de Casias, dirigiu ele à tropa sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, estas palavras que nos soam como admirável vaticínio sobre as lutas que travaríamos com as forças do nazi-fascismo: "Vós os derrotareis e aniquilareis em toda a parte onde os encontrardes. Vós vos cobrireis de glória e escrevereis um belo e brilhante capítulo na história da vossa amada Pátria, o Brasil... (Palmas.) Grandes dias vos esperam". Em verdade era a glória que os esperava.

A glória que eles bravamente conquistaram, compoem uma das mais belas páginas da história militar do Brasil. Palmo a palmo pelejaram através de cerca de quatrocentos quilômetros, que se estendem de Lucca a Alessandria, nos vales dos rios Sêrehio, Reno e Panaro até alcançar a histórica planície do Pô. Sobre o que foram os oito meses de luta em que se afirmou a capacidade militar dos nossos soldados assim se externaria o Marechal Mascarenhas de Moraes: "Um dia se reconhecerá que o seu esforço foi superior às suas possibilidades materiais, porém, plenamente consentâneo com a noção de dever e amor à responsabilidade, revelados pelos nossos homens em todos os degraus e escalões da hierarquia".

Do denodo com que se bateram os nossos soldados é prova eloqüente as pesadas baixas sofridas pelos nossos efetivos. Nem por outra razão o General Crittenberg, que bem de perto acompanhou as ações da Força Expedicionária Brasileira, afirmou que os seus feitos teriam lugar proeminente quando se escrevesse a história da Segunda Guerra Mundial. De fato, num curto lapso de tempo, grandes títulos de glória se incorporaram ao patrimônio das nossas mais fulgentes tradições militares, e disso dão alto testemunho Monte Castelo, Montese, Fornovo, Castelnuovo, Camaiore, e tantos outros lugares em que pelejaram e venceram os que enalteceram o Brasil, abrindo os caminhos da democracia.

Se não há que destacar nomes, tal a exação com que cada qual cumpriu o seu dever, muitas vezes até o superando, nem por isso estamos desobrigados de lembrar os oficiais generais que tão extraordinariamente encarnaram as mais altas virtudes dos nossos militares, a começar por Mascarenhas de Moraes, o chefe admirável e admirado, padrão de segurança e de equilíbrio, principalmente nos momentos mais difíceis da campanha. (Palmas.) Ao seu lado contou ele com Zenóbio da Costa, (Palmas.) em que a impetuosa coragem tornava esmaecidos outros nobres traços do infante; Cordeiro de Farias, (Palmas.) cuja juventude era apenas atributo a lembrar os generais de Napoleão, tal a soma de qualidades que lhe exornam a singular personalidade de militar e de cidadão; e Falconieri da Cunha, (Palmas.) figura magnífica de organizador sempre à altura das missões.

Havendo ajudado a salvar o mundo não poderiam os nossos soldados encerrar a gloriosa peregrinação antes de também libertarem o Brasil. Nem se conceberia que tendo pelejado e morrido combatendo o nazi-fascismo permanecessem indiferentes diante da Pátria subjugada pela ditadura implantada em 1937, e que a própria guerra, contraditoriamente, prolongaria para que se não perturbasse a luta em favor das democracias.

Bem mais tarde, ao dirigir-se, em Belo Horizonte, a uma Convenção de ex-combatentes, o Presidente Castello Branco, (Palmas) vindo também dos campos de batalha, e de quem escreveria o Marechal Mascarenhas de Moraes haver sido o seu "grande e emérito auxiliar no planejamento das operações e nos estudos de situação durante a Campanha da Itália", assim lhes recordaria os gloriosos dias vividos: "Na Segunda Grande Guerra, combatemos pela democracia no mundo e pela paz entre as nações. Talvez nada exprima melhor os sentimentos que nos animaram naqueles dias tormentosos do que a Mensagem do Presidente Roosevelt, em 1941, sobre as quatro liberdades fundamentais... Foram essas quatro liberdades fundamentais — e creio que muitos dos aqui presentes ainda se recordarão da intensidade e da esperança com que ecoaram entre os amigos da Liberdade — foram elas que o Presidente Roosevelt opôs vitoriosamente à promessa enganadora daquela paz de mil anos sob a tutela do nazismo. Liberdades que ele bem disse não serem uma utopia para o próximo milênio. De fato elas aí estão, fortes e fecundas, assegurando aos povos os benefícios da democracia, hoje viva e vigorosa graças ao sacrifício daqueles que tombaram nos campos de batalha, mas que é mister defender e preservar cada dia, inclusive contra aqueles que a trazendo freqüentemente na boca não a têm na consciência".

Em verdade sacudidos pelos que regressavam laureados pela vitória, e aos quais logo se haviam unido féis amigos da liberdade, ruíram no Brasil, em outubro de 1945, os muros da opressão. Do mesmo modo que, em 1964, para impedir o sacrifício da democracia, houve que reunir e levantar o mesmo espírito que se inspirara nos campos de batalha. Contudo, tal como acontecido em muitos outros povos, também aqui a paz seria difícil e penosa. Se, para a quase totalidade dos brasileiros era a democracia aspiração definitiva e insubstituível, para reduzido e obstinado grupo representava apenas a ponte para se chegar a outra ditadura. Seria ela assim não uma oportunidade de equilíbrio e compreensão entre concepções diversas, mas descuidada e desprotegida caminhada para a sua própria

destruição. Infelizmente, uma realidade da qual surgiria o insuperado conflito que ainda hoje, passados trinta anos, nos inquieta na busca de solução justa, equânime e conciliadora.

A hecatombe a par dos sofrimentos poria a nu, em toda a sua brutal extensão, os males de uma sociedade marcada pelo egoísmo e pela cupidez, e jamais permitiria que o mundo voltasse a um passado definitivamente sepultado. De um mundo varrido pela dor dever-se-ia esperar brotasse a flor da solidariedade entre os homens. Em verdade, porém, ao longo do tempo que nos separa daquele dia de vitória em lugar da marcha batida para a democracia e a liberdade muitos caminhos se abriram diante de um mundo surpreendido, por vezes atônitos ante as contradições que lhe eram apresentadas. E ainda hoje dir-se-ia que o homem não logrou colher tranqüilamente a recompensa sonhada e merecida.

Dir-se-ia que havendo ganho a guerra há três décadas, por igual período estamos em busca de encontrar a paz, tal como a desejaram os que se sacrificaram nos campos de batalha.

Não importam, porém, as dificuldades, e até mesmo as decepções. Fieis ao sacrifício e à bravura dos que em terra, no mar, e no ar, tanto honraram nossas tradições de coragem, de lealdade, de exação no cumprimento do dever, o que os brasileiros almejam, e em particular as gerações mais novas, é encontrar no exemplo de quantos, oficiais, soldados, ou cidadãos, contribuíram para a construção de um mundo melhor, inspiração para continuarem a lutar pela paz e pela democracia. A luta, inseparável da própria condição humana, não nos atemoriza ou aflige. Basta-nos consciência de pelejarmos o bom combate, desdobramento daquele mesmo travado pelos que, em jornadas sucessivas e magníficas, tão alto ergueram a nossa bandeira. Angustia-nos, sim, imaginarmos que pudessem aqueles que lutaram e sofreram indagar de nós, mesmo com o silêncio dos mortos, o que fizéramos do seu sacrifício. Por que e para que teriam eles morrido? A pergunta, entretanto, não nos atemoriza, pois aqui estamos para dizer-lhes que, agradecidos e comovidos por tudo quanto fizeram pelo Brasil e pela Humanidade, continuamos seguindo os seus passos para construir uma grande nação livre. A nação com que eles sonharam, e na qual a posteridade encontrará os mesmos ideais daqueles que há trinta anos, valente e abnegadamente viraram uma das mais trágicas páginas da História, para que se iniciasse uma era iluminada pelo sol da esperança.

Glória, Sr. Presidente, aos que lutaram para que hoje, celebrando-os e reverenciando-os, nos fosse permitido nos reunirmos nesta Casa, símbolo mais alto da democracia no Brasil. Glória, Senhor Presidente, a quantos, sem distinção de raça, de credo, ou de nacionalidade, fizeram dos seus sacrifícios a trincheira invencível da liberdade, cuja vitória comemoramos com entusiasmo igual ao dos que a saudaram em maio de 1945, tanto verdadeiro que a glória, por ser eterna, é indiferente ao tempo. Este passa — a glória permanece imaculada, para coroar os heróis cujas vidas imoladas continuarão a ser exemplo e inspiração para os que aspiram a um mundo de paz e fraternidade para todos os povos. (Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Fábio Fonseca.

O SR. FÁBIO FONSECA (Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Srs. Ministros de Estado, Srs. Oficiais-Generais, Srs. Oficiais, meus ex-Comandantes, meus ex-companheiros que se encontram na tribuna de honra, ex-combatentes ou pracinhas, Srs. Congressistas, minhas senhoras, hoje talvez seja um dia tão emocionante para mim como aquele em que desembarquei numa chata nas praias de Marina de Pisa. Encontro-me tomado de emoção e, ao mesmo tempo, atemorizado para enfrentar a figura magistral de nosso Comandante do 5º Exército Aliado, Sr. General Mark Clark. (Palmas.)

A honrosa presença do General Mark Clark, Comandante do V Exército Aliado nas operações contra o nazi-fascismo na Itália, pro-

piciu-nos a vinda a esta tribuna, no duplo e relevante papel de deputado e de ex-combatente, para ressaltar a tradição histórica de nossas Forças Armadas em sua função de guardiãs da Ordem e do Progresso e, em particular, como força vitorial, entre todas as tendências libertárias do mundo democrático, na ação conjunta que fez desaparecer o pior e mais brutal dos totalitarismos que o mundo já conheceu.

Sua ação nos campos da Itália não foi um fato isolado. Nasceu de suas origens, que se radicam na convocação do próprio povo, que condenou nas ruas de nossas capitais, durante uma ditadura, a devastação do mundo livre, o submetimento das colônias africanas, os massacres raciais e o mito insuportável de uma ideologia baseada na superioridade genética. Nasceu no apelo dos poetas, dos músicos e dos intelectuais, que repudiavam imitações nazi-fascistas arrivando em nosso próprio território e desunindo a Pátria brasileira. Nasceu no clamor dos trabalhadores das usinas, dos vaqueiros dos pampas, dos seringueiros e jangadeiros do Norte e do Nordeste, dos mineradores do Sul, dos inconfidentes de Minas, dos plantadores de café, dos trabalhadores dos portos e das estivas, fazendo com que a alma nacional se empolgasse na manifestação de seus melhores valores políticos, militares, econômicos e artísticos, como se expressou na canção de guerra e paz, que foi o "Hino do Expedicionário", onde o amor à Pátria distante criava novos símbolos, como o da "Cobra fumando" das tropas terrestres, o do "Senta a Pua" das forças aéreas e a da Âncora das forças do mar contra os inimigos da democracia, para acabar logo com a guerra e voltar ao trabalho, como no dito do verso:

"Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
sem que volte para lá.
Sem que leve por divisa
este "V" que simboliza
a vitória que virá." (Palmas.)

E veio.

O General Mark Clark foi um Comandante que na II Grande Guerra expressou, com sua personalidade firme, todos os melhores sentimentos de humildade, que propiciaram uma aliança de amizade entre os brasileiros que lá se encontravam com os nossos generais-comandantes, com os comandantes dos regimentos de infantaria, das unidades de artilharia e de engenharia, com os comandantes da motomecanização e com a representação do Primeiro Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira, sob o comando de Nero Moura.

Por isto, queremos deixar patente, Sr. General Mark Clark, que os brasileiros que com V. Ex^a conviveram e trouxeram para o Brasil as mais gratas recordações de heroísmo e elegância, de consciência libertária e combativa sejam assimiladas com o padrão dos nossos e de seus patriotas. (Palmas.)

Ao rememorar os feitos dos brasileiros no teatro de operações da Itália, não podemos deixar de enfatizar a nossa obstinação pela tomada de Monte Castelo.

Várias investidas foram tentadas antes que uma fosse coroada de êxito: a de 21 e 22 de fevereiro de 1945.

Já um pouco alcançado pelos inúmeros afazeres de minha vida civil, de profissional médico e professor universitário, vamos tentar rememorar os feitos de nossa gente, homens retirados da vida privada, muitos dos banhos escolares, outros das próprias guarnições do Exército Brasileiro, outros das bancas de trabalho das linhas de montagem, mas todos empenhados em elevar bem alto o pavilhão do nosso País, nos campos de batalha, fosse na Itália ou algures.

Foi-nos distribuída a tarefa da Itália, cujo povo tem as mesmas origens cristãs e culturais, só divergindo na adversidade ideológica das elites. Por isto, não invadimos a Itália como guerreiros, mas como libertadores, segundo as melhores tradições históricas de todos os povos latinos. (Palmas.)